



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

EDUCAÇÃO PARA A NÃO INSTRUMENTALIZAÇÃO DA TECNOLOGIA: UM DIÁLOGO ENTRE ÁLVARO VIEIRA PINTO E A ESCOLA DE FRANKFURT

Cristian Cipriani¹-PUCRS

GE 3: Linguagem, Mídia e Tecnologias.

Resumo

Este trabalho vem à superfície, principalmente, pelo conceito de técnica e tecnologia apresentados por Álvaro Vieira Pinto, assim como está enleado estreitamente nas percepções de uma educação crítica para nossos dias. Para chegar nas questões que alicerçam a escrita, de um lado partiu-se do pressuposto, com base nas leituras da Escola de Frankfurt, de que a técnica e a ciência moderna, resultados da aparente aptidão emancipatória do Esclarecimento, foram as bases para o engendramento da barbárie, simbolizados por um pensamento instrumental, ensaiados pelo capitalismo liberal - viés que para alguns pensadores pode ser atribuído atualmente à tecnologia, especialmente por formar um *continuum* com as outras categorias. Em contra partida a essa interpretação e com os pés na “latinidade”, em Álvaro Vieira Pinto encontra-se um óptica distinta, ou seja, com base no isebiano, a ciência moderna e a técnica, conseqüentemente a tecnologia, quando pensadas pela nação e com feições político-pedagógicas, tem caráter principiador – através da mudança de consciência - à emancipação-política e econômica, fazendo “florecer” novas maneiras de “ser e perceber”. É

¹ Doutorando em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Bolsista Capes/Proex. Endereço Eletrônico: cristian.cipriani@acad.pucrs.br.

diante desses apontamentos que emerge a pergunta-guia: Até que ponto a instrumentalização do pensamento está associado à tecnologia hoje e qual o papel da educação neste contexto? Dessa questão central aflora uma indagação de fundo, porém, não menos importante, a saber: Porque da discrepância com relação a técnica, a ciência moderna e a tecnologia entre o brasileiro e os alemães? Intentando respostas e reflexões aos problemas supra postos, por intermédio de uma pesquisa teórico-bibliográfica, esquadrinhou-se portanto, um diálogo dialético entre Vieira Pinto e os estudiosos da Escola de Frankfurt – a saber: Adorno, Horkheimer e Habermas – tendo por intuito apontar o papel da educação na não instrumentalização da tecnologia, tal como delinear, nesta fronteira líquida, até que ponto a tecnologia por si só corrobora à instrumentalização e à emancipação social. Sem intenção de esgotar o assunto, o texto percebe a educação como elo comunicativo – no sentido habermasiano – capaz de propiciar o uso crítico da tecnologia, fazendo assim pensamento e “instrumental” “co-participarem”, indo ao encontro das bases propostas por Vieira Pinto .

Palavras-chave: Tecnologia, Educação, Razão Instrumental, Álvaro Vieira Pinto, Escola de Frankfurt.

PRÊAMBULO

A proposta de reflexão que apresento neste trabalho, está diretamente ligada com as meditações de técnica e tecnologia tratadas nos escritos de Álvaro Vieira Pinto – O Conceito de Tecnologia v.1 e v2 -, assim como estreitamente enleada a questão de uma educação crítica para nossos dias. À vista disso, parto do pressuposto, com base nas leituras da Escola de Frankfurt, de que a técnica e a ciência moderna, resultados da aparente aptidão emancipatória do Esclarecimento, foram as bases para o engendramento da barbárie, simbolizados por um pensamento instrumental, ensaiados pelo capitalismo liberal.(ASSOUN, 1991).

Seguindo essa lógica, alguns autores (Martins *et alii*, 2013; Maia, 1998), em uma releitura da *Dialética do Esclarecimento*, expõe a proximidade das ferramentas tecnológicas atuais com a “razão calculadora”, dizendo de outro modo, para eles a tecnologia contemporânea tornou-se estruturante do estado de aporia do pensamento. Em contra partida a essa interpretação, tenho em Álvaro Vieira Pinto um viés distinto, ou seja, para o isebiano, a ciência moderna e a técnica, conseqüentemente a tecnologia, tem caráter principiador – através da mudança de consciência - à emancipação-política e econômica da nação. Assim, cabe a pergunta: Até que ponto a instrumentalização do pensamento está associado à tecnologia hoje e qual o papel da educação neste contexto? Dessa questão central aflora uma

indagação de fundo, porém, não menos importante, a saber: Porque a discrepância com relação a técnica, a ciência moderna e a tecnologia entre o brasileiro e os alemães?

Diante da complexidade do tema abordado, pretendo neste escrito um diálogo dialético entre Vieira Pinto e os estudiosos da Escola de Frankfurt tendo por intuito apontar o papel da educação na não instrumentalização da tecnologia, tal como delinear, nesta fronteira líquida, até que ponto a tecnologia por si só corrobora à instrumentalização e à emancipação social.

A TECNOLOGIA COMO PARTE DO PROCESSO EMANCIPATÓRIO

Álvaro Vieira Pinto foi filósofo que em seus primeiros escritos muito se aproximou da trilogia kantiana². Destarte, a teoria tecnológica e industrial do brasileiro, está, sem dúvida, pautada em uma reestruturação racional da economia, tanto quanto das instituições sociais e políticas da nação, alicerçadas na liberdade de “indivíduos autônomos”, unificados pelos ideais universais da saída do estado de opressão – da população brasileira - pois “[...] não há projeto social sem ideologia de massa, ou seja, sem suficiente unificação do pensamento e da vontade popular mediante uma representação objetiva da realidade e a decisão de modificá-la”. (VIEIRA PINTO, 1960, p.32).

Nessa perspectiva, o projeto de Vieira Pinto à saída do subdesenvolvimento encontra *húmus* nas ideias do Esclarecimento propostas por Kant, visto que “[...] Aufklärung significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem tutela de um outro”. (KANT, 2015, p.1).

Se o Esclarecimento kantiano tem por fim ensinar os homens a guiarem-se racionalmente por si próprios a partir de ideais universais, a filosofia desenvolvimentista de Vieira Pinto, tem como princípio, muito mais que indivíduos autônomos, uma nação autônoma, usando como instrumento de luta a soberania industrial, bem como o desenvolvimento crítico próprio da consciência das massas oprimidas, a fim de “[...]organizar o projeto de *emancipação* da nação. O ponto de partida reside na radical defesa do nacionalismo, isto é, despertar a *‘autopercepção’* sobre a realidade nacional. Os indivíduos

² Ver entrevista de Saviani com Álvaro Vieira Pinto na obra *Sete lições sobre educação de adultos* (1987) e prefácio do livro *O Conceito de Tecnologia* (2005a), escrito por Marcos Cezar de Freitas.

pulverizados constituem, basicamente, o ser da nação oprimida e, potencialmente são sujeitos autores do projeto nacional de libertação”. (FAVERI, 2014, p. 107, grifos meus).³

Acessando tais pensamentos, cabe inferir que, sob meu ângulo Kant oferece outro ponto capital para o desenvolvimento da teoria nacionalista-desenvolvimentista de Vieira Pinto, a saber, *a doutrina da espontaneidade*. Dentro dessa perspectiva emerge a faculdade dos começos, isto é, para esse preceito filosófico “[...] preocupar-se com o novo, com o progresso, é preocupar-se com a livre promoção das potencialidades humanas”. Ou seja, o progresso liga-se à ideia de uma humanidade plenamente realizada. (ALVES JUNIOR, S.D, p. 98).

Uma humanidade plenamente realizada, no pensamento isebiano de Vieira Pinto, se inicia com a saída da menoridade econômica do subdesenvolvimento, assim como pela tomada autônoma de consciência do contexto, refletidas na produção e consumo de bens nacionais, no progresso tecnológico, científico e cultural, por isso a “[...] ideologia do desenvolvimento significa a possibilidade de realizar a humanização da nação”. (FAVERI, 2014, p.130). Não é outra coisa que AVP quer dizer ao inferir que,

Quanto mais atrasado é o estado da realidade nacional, menos o homem é verdadeiramente humano, por isso que menos está em condição de aproveitar de modo concreto e atual de possibilidades de existência que o progresso da civilização oferece. [...] A humanidade é o modo de existir de tal sociedade, definida por determinado grau de desenvolvimento. A humanidade, entendida não como coleção numérica de indivíduos, mas como teor de realização do humano, é o estado de efetivação das possibilidades do homem, que a etapa do progresso da sua comunidade lhe permite [...] a ideologia do desenvolvimento nacional [...] deriva da analítica existencial, de que o ‘estado’ do mundo, que proporciona a situação para o ‘estar’ nele, é condição decisiva para o ‘ser’ do homem. Vemos, pois, que a ideologia do desenvolvimento é na sua essência um humanismo. O subdesenvolvimento constitui situação existencial de desumanismo. Nele o ser humano está impedido de atingir condições de vida capazes de lhe dar o modo de existir que, correspondendo à fase histórica vigente, define a essência do homem. (VIEIRA PINTO, 1960, p.284).

Sem delongas, o que quero significar ao empreender estas linhas, é que o efeito do “Esclarecimento”, que traz consigo a técnica, a ciência moderna e a tecnologia, como foi proposto por Kant e os demais idealistas alemães, decerto, é diferente no Brasil de Álvaro Vieira Pinto do que foi na Europa de Adorno e Horkheimer. Aqui, organizar a sociedade

³ Segundo Marcuse (1978), foi a Revolução Francesa de 1789 que entusiasmou os filósofos alemães, tais como, Kant, Ficht, Schelling e Hegel, a empreenderem as ideologias de ajustes racionais na sociedade, apregoados ao suporte dos ideais revolucionários do “capitalismo industrial” (ESTEVEZ, 2009), período similar no Brasil aos escritos de Vieira Pinto. Essa era, denominada de Moderna, vale ressaltar, trouxe mudanças substanciais no modo de pensar e agir do homem, que conforme vou evidenciando há duas interpretações.

racionalmente, é humanizar as massas oprimidas, tornando-as emancipadas de outrem e isto, indispensavelmente, perpassa pela industrialização e pela “tecnologização” em conexão com todas suas vertentes. Desse ponto de vista, a tecnologia em Vieira Pinto não tende à aporia do pensamento, pois “[...] corporifica por essência o avanço da razão, pois consiste na invenção de mediações cada vez mais eficazes para a consecução das finalidades humanas da produção dos bens que os homens necessitam.”. (VIEIRA PINTO, 2005^a, p.469).

Em contra partida, o Brasil contemporâneo é distinto do Brasil das décadas de 50 e 60, por exemplo. Hoje, vivemos diante do *boom* das tecnologias, especialmente das gerações de acesso e ubíquas. Estas borram o tempo e maculam o espaço, aumentando potencialmente sua utilização em prol do homem, em diversos campos da vida, seja criando novas relações sociais e aproximações pessoais ou possibilidades de uma nova economia – a criativa - e formatos educacionais. No entanto, “não há ganho sem perdas” e é esse ponto que abordarei a seguir.

A TECNOLOGIA COMO PARTE DA RAZÃO INSTRUMENTAL

Conforme mencionei nos parágrafos anteriores, fica claro que, em toda a trajetória humana, “não há ganho sem perdas” e é nesse ponto, sob minha perspectiva, que os apontamentos de Adorno e Horkheimer devem ser considerados, porque mais do que uma crítica escrita diante do pré-guerra nos anos 40, o pensamento Frankfurtiano oferece-me uma perspectiva para pensar o estado de “embasbacamento”, bem como a importância de uma educação comprometida no aprender-ensinar o uso dos aparatos, pois diante da explosão – tecnológica - em que vivemos “não ter o último produto é não participar e não participar é não existir”. Dizendo de outro modo, mais do que uma razão meramente instrumental inata, sem acompanhamentos, a tecnologia requer, em certa medida, um tutor pensante, manifesto na educação, que alie a prática da razão técnica⁴, indispensável atualmente, com algum valor mediativo da razão crítica. Tendo por fundamento esses pensamentos, passo agora a examinar a questão por esse viés.

Nessa perspectiva, uma das críticas adornianas mais primorosas com relação à razão empreendida pelos ideais Iluministas, está no fato de que essa racionalidade se instrumentalizou por intermédio do capitalismo administrado, centrado em um Estado

⁴ No sentido dessas linhas, por razão instrumental, técnica ou naturalista, compreende-se “[...] uma racionalidade que pondera, calcula e ajusta os melhores meios a fins dados exteriormente ao agente”. (NOBRE, 2004, p.51).

detentor do poder, alicerçado pela ciência, pela técnica e pelo lucro, fatos que ocasionaram a reversão de suas propostas. Em outras palavras, para Adorno e Horkheimer ao invés da fuga das realidades transcendentais, – religião, barbárie – o Esclarecimento e seus corolários acabaram por se tornarem as próprias “narrativas” sobrenaturais, suscitando indivíduos egocêntricos, afastando toda e qualquer questão social que não poderia ser resolvida na esfera econômica e produtiva, tal e qual fé cega na ciência e na técnica. Para os autores, “[...] os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade. (ADORNO E HORKHEIMER: 1985:19).

Para Adorno e Horkheimer, ao priorizarem a razão “matematizada”, os seres humanos terminam por instrumentalizar a vida, coisificando-se a si e ao seu pensamento. Desta forma, a sociedade acaba sintetizada a mera reprodutora de métodos e mecanismos, ou seja, meios para que os fins gerem lucro. Assim sendo, a aporia do esclarecimento acaba por ficar cada vez mais estável e engessada, dominando o homem e transmutando-o a seres meramente adaptáveis ao invés de libertá-los. (Cf. SILVA, 2006).

Mas, para os frankfurtianos, a nova corda que (re) prende é a mesma que monopoliza. Isto é, unifica para controlar, seja o mercado ou os sujeitos, convertendo tudo e todos em partes da engrenagem econômica. Ao passo que o pensar reifica-se em processo automático e padrão, o ser torna-se coisa, a ciência e a técnica soberanas, o lucro e o domínio fins, sempre tendo em vista a uniformização crescente da industrialização.

Aliás, Teixeira Coelho (2007), apresenta a ideia de que a indústria cultural, os meios de comunicação de massa e a cultura de massa só emergem em função do fenômeno industrial, tendo por base tanto a alienação laboral quanto a intelectual, reduzindo a sociedade a material estatístico e a cultura no âmbito da administração. Logo, o produto – música, cinema, aparelhos eletrônicos, carros, comidas, etc. - que empobrece esteticamente ganha diferenciação mecânica mensalmente, aportando em seu bojo a “inclusão cultural”, ou seja, “para existir você tem que ter o último, ver o último, consumir o último”. O fetiche é a moda, e a moda é o fetiche. Não é outra coisa que querem dizer os autores ao inferirem que “A semelhança perfeita é a diferença absoluta. A identidade do gênero proíbe a dos casos. A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. [...] A indústria cultural tem a tendência de se transformar num conjunto de proposições protocolares e, por isso mesmo, no profeta irrefutável da ordem existente”. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985:120-122).

Ao profetizar o destino e o consumo, a indústria cultural aponta para o caminho do mito, manifesto em explicações do agir, da vida, da ordem e dos objetos. Tudo deve ser

absorvido sem ser questionado. O agir robotizado, o frenesi constante, a conexão ubíqua, as relações frias, as artes repetidas e a vida mecânica. Trabalho pra comprar, compro pra trabalhar. Segundo Horkheimer, essas são as características próprias da razão instrumentalizada, tendo como resultado do fetiche uma condução à materialidade cega, que por sua vez, converte-se em “[...] uma entidade ‘mágica’ que é aceita de ser intelectualmente aprendida”. (HORKHEIMER, 2002:28).

Ora, é a partir desse “*Eclipse da Razão*” que a dominação ideológica⁵ aproxima-se da tecnologia, a “fetichizando”. Criam-se no humanos-robotizados necessidades inexistentes, os quais, deixam-se conduzir freneticamente pelo *status* inculcado pela indústria cultural em cada produto. Para Adorno e Horkheimer “O princípio impõe que todas as necessidades lhe sejam apresentadas como podendo ser satisfeitas pela indústria cultural, mas por outro lado, que essas necessidades sejam de antemão organizadas de tal sorte que ele se veja nelas como um eterno consumidor, como objeto da indústria cultural. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985:133). O consumir acaba por vulgarizar a humanidade existente nas tecnologias, assim como na razão técnica, pois o homem torna-se o fantoche do mundo dos negócios, o pensamento entra em estado de aporia e os indivíduos embasbacam-se na frente dos telefones celulares. Mas, estamos fadados a viver diante desse impasse? Intentando responder tal questionamento, parto no tópico a seguir para a condição humana que pode corroborar na superação deste impasse, a saber: a educação.

EDUCAÇÃO: O CAMINHO PARA NÃO INSTRUMENTALIZAÇÃO

O prognóstico de Adorno e Horkheimer (1985) diante do questionamento supra posto parece ser bem pessimista. Os autores na obra *Dialética do Esclarecimento* botam em xeque a

⁵Vieira Pinto também apresenta o debate concernente ao domínio ideológico, no entanto, para o brasileiro a questão desenvolve-se por outro viés, ou seja, pela tentativa de domínio dos países em “maioridade” sob os de “menoridade”. Segundo a visão dos países desenvolvidos, “Aos países subdesenvolvidos só resta o recurso de se incorporarem à era tecnológica na qualidade de séquito passivo em marcha lenta, consumidores das produções que lhe vêm do alto, imitadores, e no máximo fabricantes do já sabido, com o emprego de técnica que não descobriram, necessariamente sempre as envelhecidas, as ultrapassadas pelas realizações verdadeiramente vanguardistas, que não têm o direito de pretender engendrar. (VIEIRA PINTO, 2005^a, p.44). Com o propósito de combater tais situações, Vieira Pinto (2005ab) propõe o desmascaramento dos fatores políticos e econômicos que encobrem a consciência as possibilidades de as nações privadas do poder se pensarem a si mesmas. Ademais, aponta como aspecto fundamental à redução do problema a valorização dos recursos materiais e intelectuais dos nativos, admitindo que o progresso tecnológico não é apenas dependente exclusivamente de aspectos “técnicos” e “engenheiros”. À vista disso, a massa popular e os países menos desenvolvidos devem reivindicar a participação no mesmo mundo unificado pela técnica e pela ciência, entretanto, dando-se o direito de criar por conta própria novas técnicas, novas máquinas, novos métodos científicos e novas tecnologias que permitirão o progresso cognitivo na leitura do mundo.

superação da razão meramente técnica, alegando a longinquidade e o esquecimento em que a razão crítica se encontra. Entretanto, surgem outras perguntas: Nunca mais unificaremos “as razões”? Seremos sempre objetos da cultura capitalista? Como abrir mão da razão técnica?

Acredito que o próprio Adorno (1995), anos mais tarde, propõe a solução dessas perguntas, ao inferir que a educação deve ser emancipatória, sendo assim comprometida com a formação de sujeitos críticos e de ação correta desde a primeira infância, não importando o “tipo” de sua extensão - formal, informal ou não formal - pois “a educação por meio da família, na medida em que é consciente, por meio da escola, da universidade, teria neste momento de conformismo onipresente muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que de fortalecer a adaptação”. (ADORNO, 1995: 144).

Ao levar em conta o que indica Rose (2014), a saber, que a tecnologia e a dominação ideológica têm uma relação íntima, tal e qual nos diz Adorno (1995) ao inferir que a tecnologia tem uma papel influente na coisificação da consciência, dentro de meu prisma, o que cabe à educação atual, é fazer o elo entre conhecimentos tradicionais e conhecimentos tecnológicos, ensinando o aluno-professor a lidar com as mídias ubíquas de forma crítica (um formato de resistência), construindo seus próprios quadros de pesquisas, curiosidades e narrativas, mas que exponha também o lado reflexivo das questões. A educação precisa estar nas tecnologias, do mesmo modo que as tecnologias precisam estar na educação.

Em grande parte, reconhece Adorno (1995), a aporia que se instalou diante dos ideais iluministas de razão, pode ser superada por uma “Educação pelo e para o Esclarecimento”, que não só precauete a barbárie, assim como trilhe caminhos à superação da coisificação humana, do estado de embasbacamento e do silêncio morrediço, fazendo a ponte entre as razões, “unificando-as”. (MORAES, 2009). Nessa itinerário, não se pode negar que tal como a razão crítica é importante, a razão técnica - e seus corolários – igualmente é, pois a ciência, a técnica e a tecnologia, o método e a matematização, renderam bons frutos à humanidade, inclusive tornando o ser mais humano.

Partindo do pressuposto que não se pode abrir mão de “nenhuma razão”, nem bestializar a tecnologia, visto que em contextos como o de Álvaro Vieira Pinto os aparatos ligam-se à emancipação e à liberdade, tais como propostas por Kant, a educação em Adorno, de acordo com o que apresento, pode ser entendida com o caráter da “terceira razão” proposta por Jürgen Habermas, a saber, a comunicativa. Segundo Gonçalves (1999), o que intenta Habermas em sua *Teoria do Agir Comunicativo*, é repensar a temática da razão para além da perplexidade e da negatividade encontradas em Adorno e Horkheimer, por exemplo,

ampliando o conceito para o de uma razão que contém em si as possibilidades de reconciliação consigo mesma.

Assim sendo, o que alvitra Habermas é uma revisão paradigmática da relação cognitiva sujeito-objeto, sinalizando para uma concepção intersubjetiva de relação cognitiva-democrática entre sujeitos mediados pela linguagem. (REZENDE PINTO, 1995). Isto é, o que propõe o pensador é a mudança de um mundo egocêntrico, dominador e centralizador à percepção pluralista do mundo de linguagem. Eu me “modifico” na medida em que me “comunico” e vice-versa. Racionalizo-me mediante a interação com a linguagem. Concordando com tais ideias, Aragão depreende que “Habermas acredita que, na estrutura de linguagem cotidiana, está embutida uma exigência de racionalidade pois, com a primeira frase proferida, o homem já manifesta uma pretensão de ser compreendido, uma busca pelo entendimento”. (ARAGÃO, 1992: 82).

Nessa direção, a teoria da racionalidade comunicativa busca ampliar o “guarda-chuva” da razão, visto que, segundo Rezende Pinto (1995) e Rouanet (1987) – em uma leitura habermasiana -, o conceito apresentado por Adorno e Horkheimer tende a generalização da razão instrumental – racionalidade que não sustenta o saber na ação comunicativa, mas sim nas ações dirigidas a fins -, estendendo-a a todo mundo da vida, quando na verdade, é apenas parte do processo de modernização capitalista, e não a razão societária por inteiro. Diante disso, o que propõe Habermas por intermédio dessa teoria é o restabelecimento da unidade da razão, a saber, prática e teórica, via a linguagem.

A razão comunicativa de Habermas, portanto, tem como ponto de partida uma diferenciação co-participativa entre os mundos subjetivo, objetivo e social, assim como três argumentos de validade, a saber, a correção normativa (3); veracidade da afirmação (2); autenticidade e sinceridade, entendida como a totalidade de experiências individuais dos sujeitos (1). (REZENDE PINTO, 1995). Dizendo de outra forma, a razão para não cair em reducionismos que conseqüentemente acabará em “des-razão” – se assim posso chamar – deve co-participar entre si (sujeitos-sujeitos) e o mundo da vida mediados pela linguagem, com o intuito de abandonar o egocentrismo a fim de alcançar um entendimento democrático em suas ações.

À vista disso, Habermas (1992) alvitra que a negociação enquanto força dialógica é elemento essencial da ação comunicativa. Desta forma, ao sugerir a negociação como ponto fundante da ação comunicativa, o neo-frankfurtiano aponta à visão de que a racionalidade entre suas matrizes é igual e portanto deve ser predisposta à crítica tanto quanto a técnica, ou seja, à ação democrática. Em outras palavras, todo e qualquer juízo racional inicial deve

resignar-se a avaliações por meio do diálogo potencializado pela ação comunicativa. Essa ideia permite a correção de juízos – sejam críticos ou instrumentais - no caminho da construção racional, viabilizando aos sujeitos a constante possibilidade de reformulações conceituais e condutivas (por intermédio do diálogo negociativo), algo que, em certa medida, possibilitará à razão instrumental quando disposta à avaliação da razão crítica – incluindo a tecnologia - uma conduta menos trivial⁶.

UM POSSÍVEL DESENLACE

Acredito ter chegado ao ponto nevrálgico, assim como no fragmento necessário para pensar a tecnologia pelo viés da educação emancipatória adorniana aliada ao Agir Comunicativo habermasiano. Porém, antes é necessário fazer uma consideração. Segundo Mendes (2007), é notável que “crise” da racionalidade moderna desencadeou um processo civilizatório que atingiu as principais instituições modernas, dentre elas a educação. Ou seja, grande parte da educação que a sociedade dispõe ainda hoje foi fundada na “antiga” relação cognitiva sujeito-objeto, irradiada através de um ponto centralizador - no caso da sala de aula o professor -, sufocando todo o agir comunicativo e conseqüentemente crítico.

Assim, antes de “fortalecer a resistência”, como queria Adorno (1995), a educação tem que (re)tomar a possibilidade comunicativa da ação. Isto é, transmutando conceitos antigos para um ideal democrático co-participativo, aliado à descentralização da instrumentalização e do poder irradiador. Se para “alcançar o entendimento” é preciso abrir mão do egocentrismo, da exclusão e do reducionismo, fazendo o elo entre o instrumental e o crítico, no processo educativo os agentes da ação (professores-alunos, alunos-professores, contexto-professor, etc) devem co-participar da “negociata” de decisões a partir do novo modelo cognitivo, tendo como base o “mundo da vida”.

Seguindo essa lógica, a educação, ao passo que vai abrindo-se ao agir comunicativo, acaba por torna-se o próprio agir comunicativo, pois vai desencadeando compreensões da importância da linguagem no elo entre as “razões”, assim como vai mediando a utilização dos aparatos instrumentais através de críticas reflexivas, teóricas ou práticas, sempre expondo o fator de entendimento mútuo alicerçado no agir ético, em prol do benefício de todos. Ao interpor-se sem sobrepor-se, a educação possibilitará a emergência dos mundos subjetivo, objetivo e social.

⁶Essa concepção se aproxima da questão do falibilismo pragmático da racionalidade, conforme apresentado por Ibrí (2000). Quanto aos escritos desse parágrafo, ver Rezende Pinto, 1995, autor que fundamenta tais ideias.

Destarte, ao pensar que o papel da educação emancipatória é “fortalecer a resistência”, tornando-se uma “Educação pelo e para o Esclarecimento”, proponho o processo educativo com base na razão comunicativa, ou seja, o mundo da aprendizagem mediada pela linguagem, enquanto forma democrática de construir a educação, tendo a “resistência”, como brio, constância e a fuga da inércia, refletindo todas as ações experienciais sempre abertas ao entendimento, a crítica e ao falibilismo. Aliada à uma educação emancipatória - no sentido democrático do termo, conforme propõe Vieira Pinto, logo comunicativa - o Esclarecimento, bem como os seus corolários, a ciência, a técnica e por fim a tecnologia, podem co-participar, sem dúvida, na maturação de pessoas mais humanas, “conectadas” com *Lebenswelt* e distantes do embasbacamento.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor, W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor, W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor W, HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ALVES JUNIOR, Douglas Garcia. **Esclarecimento hoje**. Revista Paidéia, Ribeirão Preto, S.D.

ARAGÃO, Lucia Maria de Carvalho. **Razão Comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas**. Tempo Brasileiro, 1992.

ASSOUN, Paul Laurent. **A Escola de Frankfurt**. São Paulo: Ática, 1991.

ESTEVES, Anderson Alves. **Liberdade e Esclarecimento: Da esperança kantiana à aporia segundo Horkheimer e Adorno**. Intuitio, Porto Alegre, 2009.

FAVERI, José Ernesto. **Álvaro Vieira Pinto: Contribuições à educação libertadora de Paulo Freire**. São Paulo: LiberArs, 2014.

GONÇALVEZ, Maria Augusta Salin. **Teoria da Ação Comunicativa de Habermas: Possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinas na escolar**. Educação e Sociedade, Campinas, n.66, 1999.

HABERMAS, Jürgen. **Teoría de la acción comunicativa, I: Racionalidad de la acción y racionalización social**. Madrid: Taurus Humanidades, 1992.

HORKHEIMER, Max. **Teoria tradicional e teoria crítica**. In: CIVITA, Victor (org). Textos Escolhidos. São Paulo: Editora Abril, 1975.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da Razão**. 7ª ed. São Paulo: Centauro, 2002.

IBRI, Ivo Assad. Sobre a incerteza. Revista Trans/form/Ação, v.23, p. 77-104, São Paulo, 2000.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: O que é Esclarecimento**. Disponível em: http://www.uesb.br/eventos/emkant/texto_II.pdf . Acesso em: 17 de ago. de 2015.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MAIA, Nayla. **O Papel da filosofia no mundo contemporâneo: Filosofia x tecnologia**. SymposiuM de Filosofia, v.1, n.1, Pernambuco, 1998.

MARTINS, D. V.; FELL, A. F. A.; FELL, N. P. **Uma leitura crítica da técnica e da tecnologia: Da razão instrumental à tecnoética**. NAVUS – Revista de Gestão e Tecnologia, Florianópolis, v.3, n.1, 2013.

MENDES, Flávio Ramos. **Tecnologia e construção do conhecimento na sociedade de informação**. 2007. f 86. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, 2007.

MORAES, Michele Adriana de. **Resenha**. Cadernos de Pedagogia, v.1, n.5, São Carlos – SP, 2009.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. São Paulo: Zahar, 2004.

RESENDE PINTO, José Marcelino. **A teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas: Conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar**. Paidéia, Ribeirão Preto, 1995.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SILVA, Tomaz Tadeu (org). **Alienígenas na Sala de Aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

TEIXEIRA, Coelho. **O que é industrial cultural ?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e Realidade Nacional: A Consciência Ingênua**. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia, v.1**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia, v.2**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.